

Em Maruípe, o patrimônio vegetal de Vitória

AJ19599



Os pinheirinhos, vindos do horto de Cauira: Cr\$ 1.000,00 o pé



As palmeiras imperiais, já com mais de vinte metros de comprimento e quase quarenta anos de idade, e, mais abaixo, o canteiro de crôtons-independência

O horto municipal de Maruípe existe desde 1938. Lá, são cultivados quase todos os tipos de plantas, com predomínio de folhagens — desde os pequenos ibiscos e sorrisos-de-maria até as majestosas palmeiras imperiais. Dezoito jardineiros, coordenados por Osny Bermudes, executam

Chico Neto
Fotos de Murilo Rocha

As 6 noras, os portões do Horto Municipal de Maruípe são abertos. Osny Bermudes, o coordenador, começa cedo o serviço. Lá ele fica até por volta das 18 horas, e, junto com uma equipe de 18 jardineiras, cuida das centenas de espécies de plantas, em sua maioria folhagens, que ainda são nosso patrimônio vegetal.

As plantas do horto municipal são destinadas, em grande parte, a praças e jardins. Algumas são vendidas a preços que variam de Cr\$ 20,00 a muda (como as margaridas e as begônias) até a Cr\$ 500,00 o metro (como os pinheiros e palmeiras imperiais).



que, acompanhada de uma amiga, acaba de descer de uma Brasília com chofer. "Pode falar madame" — seu Osny é solícito, sempre, e chega até a dizer que desconhece quando perguntam pelo chefe. Ela prossegue: "A primeira dama mandou trazer aqui estas cinco bacias, para vocês plantarem e deixarem durante algum tempo. Daqui há uns vinte dias, voltaremos para buscar. É para a Ucis".

Seu Osny faz um relatório de tudo que entra e sai do horto de Maruípe. Mensalmente, de acordo com ele, cerca de "cinquenta vasos são plantados e cuidados, para serem posteriormente enviados a setores públicos como a Ucis, por exemplo. O dinheiro arrecadado com a venda das plantas, ele explica, é entregue diretamente à

O horto municipal de Maruípe existe desde 1938. Lá, são cultivados quase todos os tipos de plantas, com predomínio de folhagens — desde os pequenos ibiscos e sorrisos-de-maria até as majestosas palmeiras imperiais. Dezoito jardineiros, coordenados por Osny Bermudes, executam diariamente serviços como construção de viveiros canteiros e aparamento das folhas, bem como renovação da terra utilizada no canteiro (que vem toda do bairro da Penha, com que o horto faz divisa). Se fossem arborizar Vitória, a quantidade de plantas existentes no Horto Municipal de Maruípe, somada às setenta mil árvores do Horto Florestal Arthur Dias Martins Filho de Cariacica, não só seria suficiente como também permitiria que se arborizassem ainda muitos municípios do Estado. No entanto, as plantas de Maruípe, por exemplo, quando se reproduzem muito, estão sendo vendidas a preços quase populares. E o cimento, enquanto isso, impera...



Seu Osny trabalha no horto há setenta e sete anos, e cuida das plantas como se fossem suas filhas

As 6 noras, os portões do Horto Municipal de Maruípe são abertos. Osny Bermudes, o coordenador, começa cedo o serviço. Lá ele fica até por volta das 18 horas, e, junto com uma equipe de 18 jardineiros, cuida das centenas de espécies de plantas, em sua maioria folhagens, que ainda são nosso patrimônio vegetal.

As plantas do horto municipal são destinadas, em grande parte, a praças e jardins. Algumas são vendidas a preços que variam de Cr\$ 20,00 a muda (como as margaridas e as begônias) até a Cr\$ 500,00 o metro (como os pinheiros e palmeiras imperiais).

“Não vendemos plantas em alta escala” explica ele. Há algumas como a palmeira arecabambu, que têm grande saída, considerada a sua reprodução rápida. Já outras, como a hidrâzina do tipo rabo-de-arara, não podem mais serem postas à venda, pois não se reproduzem com a mesma facilidade e estão sempre exigindo cuidados especiais.

ASPÉCTOS DO HORTO

As palmeiras imperiais que existem na entrada do horto estão lá desde sua fundação, em 1938. Já estão com mais de vinte metros e demoram anos para crescer, sendo vendidas somente quando atingem mais de um metro de altura.

Entre quadras de oitis, cibipirumas, jueranas, acácias, (lá há quatro espécies delas: ciânica, roxa, rosa e amarela) ibiscos, crótons, choronas, murtas, açapãs (árvore conhecida por falso pau-brasil) e uma infinidade de espécies, o dia passa rápido no horto. Há cinco caixas d'água e um riacho, com mais de 50 mil litros de água represada, para regar as plantas, e a irrigação é feita, na maior parte, com regadores. “As plantas selvagens é que precisam de mangueira; as outras, se forem regadas assim, “cegam”, conta seu Osny.

Nem sempre foi feito comércio com a flora do horto, às vezes, algumas pessoas passavam por lá, e, pedindo uma ou outra muda, ganhavam-na de presente. O coordenador diz que a medida acaba sendo necessária, pois os canteiros precisam ser renovados e replantados, e muitas folhagens acabam estragando.

Todas as espécies vegetais, com exceção de algumas árvores que vêm do Horto Florestal Arthur Dias Martins Filho, em Cariacica, são cultivadas lá mesmo em Maruípe. Seu Osny conhece todas as espécies, e é capaz de perceber até que está faltando um pé de graxa, por pequeno que seja.

E não é para menos: com cinquenta anos de idade, ele é funcionário da Divisão de Parques e Jardins da Prefeitura, há 27 anos, e



A árvore-do-viajante (à esquerda) é uma das mais difíceis de se reproduzir, e requer tempo, unidade e cuidados especiais

coordenador do horto municipal há dezessete. “Trato de meu setor como se fosse minha própria casa. O que me faz mais feliz é ver, em um jardim qualquer, uma planta que saiu daqui e está sendo bem cuidada”. Assim ele expressa seu carinho para com as plantas, e completa dizendo que “cada praça pública deveria ter um jardineiro e um ajudante, pelo menos, para cuidar de sua conservação”.

“CRECHE DA NATUREZA”

Pouca gente sabe que no horto municipal já moraram todos os bichos do Parque Moscoso, isso há mais ou menos oito anos atrás, quando da época de sua construção. Peixes, aves, cotias, pacas e macacos, foram todos “hóspedes” de lá durante quase dois anos. Seu Osny diz que “ficava doido”, porque alguns animais, como os macacos eram difíceis de serem controlados e constantemente fugiam, exigindo um trabalho dobrado por parte dos funcionários.

E mais: já foram criadas também cobras de quase todas as espécies lá. Elas ficavam num viveiro e “estavam muito bem”, sem causar maiores transtornos aos visitantes, até que começaram a

ficar com o corpo infestado de carrapatos. “Dava pena ver aquelas cobras todas se descascando, morrendo pouco a pouco, sendo sugadas pelos insetos”, diz seu Osny. Com o tempo, foi desfeito o “lar dos ofídios”.

Voltando um pouco mais ainda no tempo vamos descobrir mais um detalhe da estória; há dez anos atrás havia na divisa que o horto faz com o bairro da Penha currais e estábulos. Eles eram destinados a abrigar vacas e cavalos que andavam soltos pelas ruas e seus proprietários através de uma taxa, os deixavam na pequena “colônia de férias” que já havia se formado lá. Isso naturalmente, sacrificava os funcionários: além de eles terem de limpar os estábulos e currais e alimentar os animais, eram também encarregados, junto com seu Osny, de recolher equinos e bovinos que passeavam pelas ruas de Maruípe. E foi, finalmente extinta a “creche” no horto — que, por excelência, é um lugar em que se cuidam de plantas.

A UTILIZAÇÃO

— Boa tarde sr. Osny. Esta entrevista não vai demorar muito não, não é? — pergunta a senhora



Os crótons e as emerald (nos canteiros), vendidos, em sua maioria, a Cr\$ 20,00 o pé (de acordo com o tamanho)

— seu Osny é solteiro, sempre, e chega até a dizer que desconhece quando perguntam pelo chefe. Ela prossegue: “A primeira dama mandou trazer aqui estas cinco bacias, para vocês plantarem e deixarem durante algum tempo. Daqui há uns vinte dias, voltaremos para buscar. É para a Ucis”.

Seu Osny faz um relatório de tudo que entra e sai do horto de Maruípe. Mensalmente, de acordo com ele, cerca de “cinquenta vasos são plantados e cuidados, para serem posteriormente enviados a setores públicos como a Ucis, por exemplo. O dinheiro arrecadado com a venda das plantas, ele explica, é entregue diretamente à Receita Municipal.

A ARBORIZAÇÃO MUNICIPAL

A avenida Maruípe começou a ser arborizada no mês passado mas com árvores do horto de Cariacica, o “Cauira”. As plantas de lá vêm todas da floresta da Cia. Vale do Rio Doce, em Linhares, e aquele horto (que tem uma área de quatro alqueires e 25 hectares) foi construído há três anos atrás através de um convênio entre a Prefeitura Municipal de Vitória e a Vale.

É do horto de Cauira que saem a maioria das árvores utilizadas para arborização das áreas urbanas. Elas são retiradas para transplante, conforme explicou um dos técnicos agrícolas da Divisão de Parques e Jardins, depois de atingirem dois metros e meio ou três de altura. Esta medida tem por finalidade evitar que elas sejam danificadas quando em crescimento — pois, mesmo protegidas por estacas, não falta quem lhes arranque um galho ou as quebre.

Se fosse feito um projeto para arborizar toda a Grande Vitória, o que existe nos hortos, tanto no de Maruípe quanto no de Cauira (que tem mais de setenta mil árvores) seria mais do que suficiente. É mais: de acordo com Isaac Menezes, da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos (Semurb) a flora disponível não só daria para urbanizar toda a área compreendida entre Vitória, Viana, Vila Velha, e Cariacica, como para “umas trinta Vitórias”.

No entanto alguns projetos que incluem arborização permanecem parados. Roberto Burtle Max, há alguns anos, traçou um esboço de um projeto para arborização do aterro da Comdusa e outro, mais tarde para o Campus Universitário. Nenhum desses dois projetos contudo, constam dos arquivos municipais, nem da Prefeitura nem da Companhia de Desenvolvimento Urbano S.A. (Comdusa). O Campus, enquanto isso, continua abandonado (quá o estivesse sendo apenas nos estéticos). O tempo passa, o verde cresce e não aparece. Resta, ainda, a “glória” de poder visitá-lo...